

Múltiplos olhares sobre o Museu

Gilmara Célia Lana Rodarte Lopes¹

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). *Museus – dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. 239 p.

Museus – dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna traz enorme contribuição às linhas de pesquisa que perpassam, de algum modo, a questão dos museus. A coletânea de artigos organizada pelas pesquisadoras Betânia G. Figueiredo e Diana G. Vidal abarca uma série de olhares sobre o museu, seja enfocando os aspectos históricos que caracterizaram e, ainda hoje, caracterizam sua constituição; seja destacando os aspectos da cultura material que cercam a museologia; ou ainda abordando os desafios educativos que, de maneira substancial, envolvem a aproximação com o público visitante. Dessa forma, a obra foi dividida em três partes que organizam os aspectos mencionados em relação ao objeto Museu.

O último espaço do livro foi dedicado ao tema “Museus e educação”, requerendo a atenção dos educadores. Consta-se que a educação é um tema recorrente e pertinente tratando-se de museus e que, cada vez mais, procura-se compreender de que maneira esses espaços contribuem para a educação dos visitantes e para a produção do conhecimento. Nesse sentido, os quatro artigos abordam questões distintas, sendo estas verificadas pelos títulos dos mesmos: “Museus de ciências como espaços de educação” (M. Marandino), “Inventariando a escola do futuro revisitando o passado” (M. L. Felgueiras), “A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação” (A. M. C. Peixoto) e “O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus” (S. S. Nascimento). O texto de Marandino abre a discussão sobre a educação considerando aspectos peculiares dos museus de ciências enquanto espaços educativos. A autora inicia seu texto com uma série de questões desencadeadas em função de uma única pergunta: serão os museus ambientes de educação? Marandino parte do pressuposto de que os museus de ciências são espaços

1 Professora da rede estadual de ensino de Minas Gerais (Belo Horizonte/Brasil). gilmara_lopes@yahoo.com.br.

educacionais, e passa discorrer sobre questões que de alguma maneira interferem no processo educativo dentro dos museus, o que ela denomina “Pedagogia Museal”: a exposição, o discurso, a interatividade, os objetos, os monitores, a mediação. Ao final, propõe um modelo para o estudo das relações pedagógicas nos museus de ciências, com a finalidade de ajudar na compreensão dos processos educacionais que neles acontecem, e ainda defende a idéia de que a exposição nos museus de ciências deve procurar aproximar “o *saber sábio* dos saberes dos diferentes públicos que visitam esses espaços” (p. 174, grifo da autora) para facilitar os processos educativos. Trata-se de um texto curto e denso, que talvez pudesse ser melhor compreendido se trabalhado em um artigo mais extenso e que permitisse à autora discorrer detalhadamente sobre suas idéias. Acredita-se que desse modo a compreensão dos vários aspectos discutidos em relação aos museus de ciências seria facilitada.

O texto de Felgueiras aborda a questão do inventariado e da memória, outros dois aspectos fundamentais quando se trata de museus. O autor discute esses fatores no processo de criação de um museu da escola em Portugal e também a maneira pela qual a compreensão desses fatores pode interferir no entendimento da instituição escolar, defendendo a idéia de que o entendimento dos aspectos históricos escolares é fundamental para a compreensão do presente e do futuro escolar. Aborda a cultura material escolar, a diferença entre conhecimento, informação e comunicação e a caracterização da exposição do museu da escola como elementos que ajudam na valorização do patrimônio escolar.

O artigo de Peixoto analisa as imagens como fonte de pesquisa da História da Educação e argumenta que a imagem não se esgota em si mesma, havendo sempre muito mais a ser apreendido do que nela é lido ou observado. A autora busca junto ao Museu da Escola de Minas Gerais a coleção de livros e manuais escolares para estudar as imagens e procurar elucidar aspectos importantes da educação, especialmente relacionados à ideologia, às mentalidades e ao cotidiano escolar. Dessa forma, Peixoto analisa o acervo e verifica uma predominância de livros de leitura e de cartilhas, que constitui um indicativo da importância da leitura e da escrita no processo de escolarização brasileira.

O último artigo dessa parte, elaborado por Nascimento, fornece elementos bastante pertinentes para o entendimento dos museus enquanto espaços educativos e discute os desafios de se construir práticas educativas consistentes para esses espaços. Nesse sentido, o autor questiona e dialoga

com a expografia e com os novos olhares que se lançam sobre o espaço museal. A seu ver, nos dias de hoje, há a necessidade de se elaborar formas museográficas que abarquem todos os sentidos do museu: um lugar de preservação do patrimônio e de coleções de objetos e artefatos da cultura material e imaterial, mas também local de lazer, prazer, sedução, encantamento, reflexão e busca de conhecimento. Em seguida, faz um percurso histórico sobre as práticas educativas nos museus e aborda a questão da interatividade como um aspecto atual dentro dos espaços museais e como o diálogo entre elementos fundamentais da exposição: os objetos, os visitantes, as informações, os monitores e a própria prática educativa. Por último, traz um exemplo de uma nova prática educativa desenvolvida no Museu Histórico Abílio Barreto, em Belo Horizonte, e mostra a necessidade de se constituírem formas museográficas que dialoguem com o visitante com o intuito de produzir novos espaços de aprendizagem.

A primeira parte do livro é intitulada “Museus e cultura material” e traz dois artigos – “A exposição museológica e o conhecimento histórico” (U. T. B. Meneses) e “Cultura material e coleção em museus de história: as formas espontâneas de transferência do povoado” (S. F. Lima e V. C. Carvalho). O texto de Meneses fornece, de maneira crítica, um excelente panorama sobre pontos fundamentais relacionados aos museus, como acervo, tipologia, objeto museal, documento histórico e exposição museológica, mas os museus históricos recebem destaque por serem objetos de pesquisa de seu estudo. É um artigo que merece destaque na obra e permite uma reflexão mais profunda sobre a relação entre a produção do conhecimento histórico e os museus históricos.

O texto de Lima e Carvalho traz para discussão a coleção, sendo esse um tema pertinente ao se considerar que a cultura material ainda é um dos temas fundamentais dentro dos museus, ainda que, na atualidade, a cultura imaterial e os museus sem acervo sejam possíveis de ser concebidos. Os artefatos culturais constituem-se como instrumento de trabalho nos museus, e é abordando uma perspectiva de como as coleções tornam-se objetos museais e de como a sociedade busca os museus para tornarem públicas suas coleções particulares que as autoras produzem o artigo. Dessa maneira, as autoras trazem à tona fatores interessantes sobre o colecionismo, afirmando que esse é um tema estratégico quando se trata de entender aspectos da reprodução das relações sociais e, ao analisar doações feitas ao museu, pretendem demonstrar o significado social do

ato de doar. De acordo com Lima e Carvalho, “fazer uma oferta ao museu é uma forma de apropriação física do espaço público e de resignificação dos sentidos que esta instituição propaga (...)” (p. 88). Isso fica claro nos exemplos elucidativos que as autoras trazem dessa imagem que a sociedade faz dos museus, de suas coleções particulares e de como a doação é observada como um modo de homenagear e/ou transferir para a dimensão pública da vida social vestígios muito particulares da vida privada.

A segunda parte da coletânea – “Museus e sua história” – abarca três artigos: “A era dos ‘Museus de etnografia’ no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX” (L. K. M. Schwarcz), “Cultura, ciência e política: olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil” (A. M. A. Machado) e “Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural” (H. C. G. Possas). Destaca-se o texto de Schwarcz, por trazer elementos históricos da criação e organização desses espaços no Brasil, e o texto de Possas, que aborda as mudanças ocorridas na história e a maneira pela qual permitiram que os gabinetes de curiosidades se tornassem os museus em sua concepção atual, destacando os aspectos de legitimação desses espaços. O artigo de Machado complementa o de Schwarcz, ao discutir “como o Estado agiu para estabelecer uma política voltada para os museus brasileiros, através de seus ideólogos e suas aspirações culturais” (p. 137). Dessa forma, essa parte do livro traz artigos que discutem aspectos da história dos museus brasileiros e permitem uma melhor compreensão da atualidade.

Com esse panorama, percebem-se as reais contribuições da obra para as áreas do conhecimento que dialogam com o objeto Museu em suas mais diversas situações. O leitor interessado no tema vai encontrar um livro com referências bibliográficas de qualidade, que o ajudarão a aprofundar seus conhecimentos sobre o tema Museu.

Museus – dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna, além de ser uma obra de interesse de todos que tem os museus como objeto de estudo e lançam sobre eles múltiplos olhares, é também um agradável convite ao olhar dos não iniciados no assunto.

Recebido em: 06/11/2006

Aprovado em: 21/11/2006